



## A representação do erotismo na minissérie *Presença de Anita*<sup>1</sup>

Emilly dos SANTOS<sup>2</sup>

Marcela FALCÃO<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA.

### RESUMO

Desde a sua estréia no cenário nacional, em 18 de setembro de 1950, a televisão configurou-se como o meio de comunicação mais eficaz do país, tornando-se membro e companhia de muitas famílias brasileiras. Dentre os diversos formatos veiculados por este meio, destacamos as produções seriadas – telenovelas, minisséries, microsséries – como sendo os mais consumidos pelos telespectadores de diferentes faixas etárias. Para tanto, são necessários elementos narrativos que se aproximem ao máximo dos dramas cotidianos, da subjetividade humana e dos conflitos sociais, conferindo assim sucesso a uma trama. Compreendendo esta dinâmica na qual a telenovela e seus derivados aparecem como construtores de realidades, estilos de vida, articulando sentidos e ativando mecanismos de identificação-projeção no público, o presente artigo visa analisar o uso dos elementos eróticos na minissérie brasileira “*Presença de Anita*”, produzida e exibida pela Rede Globo, entre 07 e 31 de agosto de 2001, como forma de construção dramática, elemento fundamental para o desenrolar do enredo, arrebatando muitas críticas e elogios durante seu percurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Erotismo – Televisão – Telenovela – *Presença de Anita*

### TEXTO DO TRABALHO

É chegada à era da cultura imagética, fortalecida pela influência das mídias visuais, principalmente, a internet e a televisão. Percebemos facilmente a ocorrência do processo de sofisticação no olhar do telespectador, bem como a substituição dos valores relacionados à ética e a moral pela busca da visibilidade constante, configurando-se assim importantes marcas desta era. Este processo pode ser compreendido ao observamos que, vivemos imersos em uma sociedade chamada pós-industrial ou pós-moderna, proveniente dos avanços conquistados nas mais diversas áreas do conhecimento humano, sob a qual é visível a intensa atuação dos meios de comunicação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV – da Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: [nogueiraemilly1@hotmail.com](mailto:nogueiraemilly1@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV – da Universidade Estadual de Santa Cruz; Bolsista de Iniciação Científica do projeto ICB – UESC. E-mail: [marcela\\_oliveira5@hotmail.com](mailto:marcela_oliveira5@hotmail.com)



formando subjetividades e “maneiras de ser e estar no mundo”, determinando estilos de vida, formas de consumo, identidades e gosto.

No nosso país a televisão ainda é o meio de comunicação mais utilizado como forma de entretenimento social, conquistando assim um maior alcance na comunicação de massa. Assume vários papéis sociais entre jovens, adultos, idosos e até mesmo crianças, oscilando entre “ser a vilã ou a mocinha” em nossa sociedade, tendo em vista que ela possibilita o contato do telespectador com diversos formatos de produtos televisivos que vão da comédia ao drama, da aventura ao amor, do mundo encantado infantil ao erótico, ao envolvente. O seu poder vai muito além do fato de entreter e informar: o telespectador se projeta, se identifica, busca realidades pessoais, deseja, cria, consome um mundo de representações posto pela televisão. Transformando em imagens aquilo que está no íntimo das pessoas, ela trabalha diretamente com o imaginário, representando, na maioria das vezes, o real da forma que mais lhe convêm.

São, de fato, as representações nas mídias e publicidade que tem o mais profundo efeito sobre as experiências do corpo. São elas que nos levam a imaginar, a diagramar, a fantasiar determinadas existências. (SANTAELLA, 2004,126).

O pesquisador da área de comunicação e cultura Martín-Barbero (1987, 2004, 2006), utiliza a sua teoria do uso social dos meios, para afirmar que a cultura e a comunicação são processos complexos e não podem ser observados apenas pela óptica de estímulo e resposta, causa e efeito. Entender como acontecem esses processos de recepção dos papéis folhetinescos ficcionais pelo público espectador, dono de um arcabouço cultural próprio e único, significa estudar todo o consumo dos produtos audiovisuais, no caso a telenovela, a partir de fatores subjetivos, históricos, sociais e culturais, que influenciam de forma direta na apropriação, reprodução e conseqüente consumo do que se vê. Para aproximar-se das pessoas a televisão cria então efeitos de realidade e naturalidade, importando fragmentos reais do cotidiano do telespectador para suas produções, sejam elas humorísticas, seriadas, mas principalmente no formato de teledramaturgia.

Em outros termos, há na programação televisiva atual a evidente substituição de uma teleologia de verdade e da mentira, do real e da ficção, pela da realidade e da artificialidade. E a estratégia empregada para sustentar essa segunda natureza é a construção de um mundo inteiramente auto-referencial (...). (DUARTE, 2008, pág. 183)



A teledramaturgia no Brasil, tendo como matriz cultural o melodrama aliado à forma de folhetim, inicia sua caminhada de sucesso nos anos de 1950, conquistando rapidamente um público cativo, permanecendo até os dias atuais como o produto televisivo mais consumido do país, dentre todas as classes sociais, consolidando um padrão de teledramaturgia que vigora até os dias atuais. Possui uma narrativa com apresentação seriada, ou seja, dividido em capítulos, episódios, que podem ter ou não ligação lógica entre si. Vale ressaltar que, atualmente, a estrutura melodramática marcante nos primórdios da telenovela no país foi substituída pelas representações do cotidiano popular, por uma necessidade cada dia maior de estar mais próxima de quem lhe confere altos níveis de audiência diariamente. Porém, o melodrama nunca foi abolido totalmente das produções seriadas e nunca será porque é um ingrediente a mais no sucesso deste formato. De fato o que garante o sucesso real de uma telenovela é o fator empatia, ou seja, a relação que ela estabelecerá com seu público espectador.

As telenovelas então representam um entretenimento para grande parte da população brasileira que não possui renda suficiente para recorrer a outros meios. E mais do que isso, a telenovela apresenta-se como uma companhia na vida dos seus telespectadores, conseguem mexer com emoções, sentimentos, despertam raiva, alegria, amor, enfim, tornaram-se parte integrante da vida e do cotidiano da sociedade brasileira, reproduzindo hábitos muitas vezes diários do público.

A novela substituiu a maledicência entre vizinhos, neste mundo em que nos trancamos em casa. É criado um mundo para as pessoas participarem da vida alheia. O público é apresentado aos personagens, sabe de suas vidas e seus problemas e, a cada ação deles, o comentário é como uma fofoca real (...). (FILHO, 2001, pág. 67)

Considera-se que a telenovela não é isoladamente um gênero ou uma técnica narrativa. Ela consegue unir estes dois elementos e formar um discurso, enriquecido por fatores que influenciam de forma direta na construção da ação dramática, na trama das histórias que conquistam o mundo, em diferentes contextos. Assim, serão utilizados recursos como a comédia, a aventura, o suspense, o amor sem limites, os sentimentos mais profundos da alma humana e o erotismo, a fim de proporcionar mais vida, mais realidade às tramas puramente ficcionais. O objetivo central deste artigo, entretanto, não é analisar de forma aprofundada a telenovela. Interessa-nos mais conhecer agora



algumas ramificações que derivam do formato de teledramaturgia: os seriados, as microsséries e as minisséries, esta última a que de fato nos determos daqui em diante.

Na minissérie, ao contrário da novela, consegue-se mostrar de forma direta, curta e objetiva, em apenas 20 capítulos (no máximo), todo o roteiro criado, personagens, tramas e seus desdobramentos. É interessante observarmos que o personagem na minissérie é o que ele se propõe ser desde o início, ou seja, suas ações finais são conseqüências dos comportamentos iniciais. A minissérie é na verdade uma pequena novela contada de forma rápida, visto que até no orçamento existem diferenças gritantes entre esses dois formatos. Segundo Palottini (1998,28), em seu livro *Dramaturgia da Televisão*, a minissérie “é uma obra fechada, definida sua história, peripécias e final, no momento em que se vai para a gravação”. Notamos nesta citação a principal diferença entre telenovela e minissérie: a primeira é entendida como uma obra aberta, sofrendo influência dos telespectadores ao longo da narrativa, influências essas capazes de modificar o rumo antes imaginado para o contexto da trama, ao contrário da segunda que possui todo seu roteiro concluído antes mesmo das gravações começarem.

## **O EROTISMO NA TELEVISÃO BRASILEIRA**

Os elementos que marcam a utilização do erotismo nas produções audiovisuais permitem-nos entendê-lo como um gênero ficcional, ou seja, como um elemento chave para a composição do enredo de uma telenovela, minissérie, etc., que será veiculada por um meio de comunicação e conseqüentemente consumida pelo público receptor daquela determinada mensagem.

(...) os territórios de ficcionalidade - ou gêneros ficcionais - tanto se apresentam como dimensões universais, capazes de ativar, indistintamente, mecanismos coletivos de projeção e identificação<sup>4</sup>, quanto podem ser dirigidos, particularmente, a diferentes segmentos de público - jovens, crianças, adultos, homens ou mulheres, de etnias e estratos sociais distintos, em variadas partes do mundo. (BORELLI, pág. 2)

Antes mesmo de ele se tornar um elemento de suporte para produções seriadas na TV, ela já fazia parte das tramas do cinema, dos temas na publicidade, dos livros e escritos da literatura e das revistas que circulam pelo país atendendo ao público feminino e masculino. Porém, ao longo desta análise nós poderemos notar que na televisão o



erotismo não será mostrado de forma tão explícita como nos outros exemplos citados acima, isso porque a televisão é um meio de comunicação ainda visto como “familiar” essencialmente produzido para o consumo doméstico, ou seja, todos independentes da idade, assistem e têm contato com sua programação dentro do seu lar. Sendo assim ela deve buscar acima de tudo preservar a moral, os valores de uma sociedade digna, os bons costumes e a honra. Exatamente por isso a presença de cenas, elementos, falas carregadas com a presença do erótico são questionadas e muitas vezes censuradas pelo público brasileiro.

O erotismo na acepção da palavra, deriva do latim ‘eroticus’ e este do grego ‘erotikós’, que representava o amor sensual. Outra origem para este termo é a existência de Eros, o deus grego do amor, conhecido entre os romanos como um cupido, possuidor de flechas poderosas capazes de unir corações, simbolizando até os dias atuais amor, desejo intenso, paixão avassaladoras, atração. Na sua utilização para a construção de narrativas, o erotismo ganhará expressividade cultural e artística, ligada ao sexo na maioria das vezes, principalmente no Brasil onde se vive uma contradição: a manutenção da “pureza” e dos bons costumes na programação, mesclada a uma corrida desembestada pelos maiores níveis de audiência e conseqüentemente aumento na lucratividade da emissora, dividem opiniões quanto ao uso do erótico nas telinhas do país.

Erotismo é uma palavra que pressupõe um conceito de arte e uma existência da própria arte erótica. Vale lembrar: o erotismo é um objeto estético, feito para ser visto e apreciado pelo seu valor próprio; suas características especiais o colocam longe da pornografia quotidiana. (Fabiano Puhlmann Di Girolamo - Psicólogo e Sexólogo, em “Erotismo e Pornografia”)

Na teledramaturgia brasileira encontraremos, na maioria das obras, o erotismo como caminho para conquistar um público sempre na espera por novidades. Retratar algo que é reprimido, proibido, repudiado muitas vezes, torna-se um ingrediente picante e chamativo para o telespectador, entendendo aqui telespectador como um segmento altamente heterogêneo. Atuando lado a lado com o melodrama característico nas telenovelas, minisséries, unindo-se a personagens densos, cômicos, misteriosos, o erotismo se apresenta como a peça que faltava na aquisição de um público fiel e crescente cada dia mais. Vale ressaltar que não é possível caracterizar uma produção seriada como “erótica”, apesar de todos os avanços conquistados ao longo dos anos, não se considera o erótico como um gênero na teledramaturgia do nosso país. O que se



observa são a disseminação e massificação do erotismo em personagens, ou tramas secundárias, mas não explicitamente.

O marco na televisão brasileira da presença das características eróticas em uma telenovela ocorre em 1951, com um beijo entre Vida Alves e Walter Foster, personagens de “Sua vida me pertence”, ainda na TV Tupi. Desde esta data até os dias de hoje, notamos uma característica marcante na retratação do erotismo na teledramaturgia: a valorização do corpo feminino e da sua sensualidade. Edgar Morin, em sua obra *Cultura de massa no século XX*, nomeia este fenômeno como “promoção dos valores femininos”.

A mulher-sujeito, a mulher-objeto, a sedutora, a boa dona de casa, a virgem, a *vamp* apresentam-se como personagens imprescindíveis e, também, como contrapontos aos heróis masculinos, em todas as narrativas de telenovelas: nesse sentido, os gêneros *western* e erótico dialogam entre si, como faces de uma mesma moeda. (BORELLI, pág. 16)

As tramas girarão em torno de uma situação amorosa, recheada de tensão, maldades, rupturas, como também de um forte amor, cumplicidade, reviravoltas na trama e enfim, vitória do bem sobre o mal. A mocinha é educada, recatada, busca um verdadeiro amor, baseado em sentimentos sinceros e não na sexualidade a florada. Ela representa a moral, a honra e os bons costumes decadentes na sociedade atual. Encontrará o seu amor idealizado na figura de um homem bom, respeitador, honesto, mas que será alvo dos assédios de uma terceira pessoa: a vilã. As vilãs incorporarão em seus papéis a sensualidade da mulher fatal, corajosa, que utilizará todos os artifícios possíveis na conquista do homem desejado, e não amado. Nota-se então, que os elementos sensuais do erotismo estarão ligados ao “mal” nas tramas, ao proibido, causador da separação do amor puro e verdadeiro. Já o amor, ou seja, o “bem” que será vencedor no final, está intimamente relacionado à contenção dos impulsos sexuais, à pureza, ao recato e bondade do personagem feminino.

Atualmente, existe uma maior flexibilidade com relação ao “proibido” na televisão brasileira. Mesmo assim obras que possuam o caráter erótico acentuado em sua trama são veiculadas após ou no horário nobre da televisão, levando em consideração o público que estará em frente à telinha naquele determinado instante. Geralmente crianças e adolescentes já estão dormindo neste horário, sendo o público adulto maioria como telespectadores. Outro ponto importante para destacarmos é a forma como o erotismo é transmitido: a câmera e seu posicionamento determinarão o direcionamento



do olhar nas cenas. Deste modo, serão valorizados ângulos, enquadramentos que ressaltem detalhes dos corpos, minúcias que guardam o sentido erótico em sua essência. Compreendemos então que os elementos eróticos são parte constituinte de uma produção audiovisual, e, em especial, no nosso objeto de estudo, em telenovelas/minisséries, atuando como um fator de atração do olhar e atenção do telespectador, garantindo assim o consumo e conseqüente sucesso de determinada obra. Se por um lado o erotismo atua como mola propulsora da audiência, por outro ele possibilita enxergarmos novos padrões de comportamento e crenças no que diz respeito ao universo das relações entre homens e mulheres.

### **A MINISSÉRIE “PRESENÇA DE ANITA” – APRESENTAÇÃO**

Presença de Anita foi uma minissérie brasileira escrita por Manoel Carlos, produzida e exibida na Rede Globo entre 07 e 31 de agosto do ano de 2001, totalizando 16 capítulos transmitidos. A minissérie foi baseada na obra homônima de Mário Donato, dirigida por Edgard Miranda, assinando com diretores gerais Ricardo Waddington e Alexandre Avancini. Ricardo Waddington era também responsável pela direção de núcleo. Ela ia ao ar de terça à sexta feira, em um horário tardio, após o horário nobre da televisão, exatamente pela carga erótica que trazia em seu enredo, censurada para determinadas faixas de idade. No elenco nomes consagrados na teledramaturgia brasileira como José Mayer, Helena Ranaldi, Vera Holtz, Umberto Magnani deram vida a personagens com excelentes interpretações, mas os destaques ficaram por conta dos atores que iniciaram sua carreira com a minissérie, são eles Mel Lisboa e Leonardo Miggiolin, que possuíam personagens riquíssimos em dramaticidade e de fundamental importância no desenrolar da trama.

A minissérie foi baseada no livro lançado em 1948 por Mário Donato, escritor brasileiro. Manoel Carlos teve acesso ao livro com 15 anos e se encantou com a trama caracterizada pelo suspense, tensão, amores intensos, desejos ardentes e sensibilidade. Assim, o autor resolveu adaptá-la para exibição no formato de episódios seriados (minissérie). Entretanto, a adaptação que ele fez para a TV só tem em comum com a obra escrita alguns personagens e a sua inspiração, mas mesmo assim Presença de Anita foi um sucesso de audiência em todo país, recebendo, contudo muitas críticas, principalmente pela abordagem de temas como o sexo explícito, o cigarro, a nudez e o preconceito racial, de forma direta.

O elemento central na trama é a ardente paixão e o relacionamento conturbado entre Anita (Mel Lisboa) e Nando (José Mayer), deste ponto surgirão todas as sub-tramas da





minissérie. Nando é um homem mais velho, casado, pai de dois filhos, insatisfeito com sua vida afetiva (possui um casamento monótono) e profissional. É um escritor frustrado, que vive sustentado pela esposa Lucia Helena (Helena Ranaldi) rica, submissa, insegura, mas apaixonada e doce. A união do casal estava à beira de uma crise sem volta, quando Lucia propõe uma viagem em família a sua cidade natal, no interior, para que todos pudessem passar as festas de fim de ano reunidos e ela teria então uma oportunidade de reconquistar a felicidade em seu casamento. Já seu esposo enxerga nesta viagem a solução para deslanchar na escrita do seu tão esperado romance. Quando ele conhece Anita, reconhece na garota a fonte de inspiração que tanto buscara para escrever o seu romance e deixar de lado os fracassos vividos. Anita uma linda, sensual e misteriosa garota de apenas 18 anos, havia acabado de mudar para a cidade e foi morar em um sobradinho conhecido por todos como o local onde ocorreu a morte de um casal, segundo ela “mortos de amor”. Anita era uma ninfeta, que consegue enlouquecer a vida do experiente escritor, oscilando sua personalidade entre uma adolescente rebelde, cheia de vontades, sem limites e uma mulher fatal, atraente, esperta e doce em alguns momentos da trama. Nando inicia uma relação com a garota, marcada de desejo, paixão, intensa e inesquecível em suas vidas.

Lucia Helena, sua esposa, sofre ao saber que está sendo traída pelo homem a quem dedicou todo o seu amor, todas as suas esperanças, mas consegue dar a volta por cima, amadurecendo, tornando-se uma mulher forte e decidida. Anita, fatalista, que vive a esperar a hora da morte sem o menor pudor, buscando viver intensamente casa instante, encanta também o puro e romântico Zezinho (Leonardo Migliorin), garoto pobre, de interior, sem nenhuma malícia e experiências na área da sexualidade. Marcada por um final trágico, Presença de Anita possuía não só esta interessante trama central, como as sub-tramas que influenciaram diretamente o sucesso desta obra. Por exemplo, a protagonizada pela preconceituosa, rica e máscula Marta (Vera Holtz), que se envolve com um empregado da sua residência, negro, pobre, apenas para satisfazer seu desejo sexual escondido a sete chaves.

Com esse novo olhar sobre a obra Manoel Carlos acabou criando um grande sucesso nacional que foi cogitado até a transformação em um filme, idéia essa que nunca foi confirmada pela emissora.

## **O EROTISMO EM “PRESENÇA DE ANITA”**





Esta obra será sempre lembrada por trazer a telinha cenas, personagens, trilhas inesquecíveis. Porém, o que de fato marca fortemente a minissérie é a presença do erotismo na construção da narrativa, como forma de contar uma história, de mostrar ao público como o desejo, a paixão o amor sem limites podem levar pessoas a caminhos indesejados e, muitas vezes, sem volta. Mas também como as relações se tornam mais prazerosas, intensas, inesquecíveis quando são vividas com se fossem a última, como se nada mais existisse além dela. A protagonista da minissérie, Mel Lisboa, interpreta Anita, personagem que carrega consigo um alto teor erótico em seus comportamentos, falas, objetos pessoais, etc. Anita é amoral, ou seja, está acima dos conceitos de bem e mal. Ela acaba chocando as pessoas a sua volta por viver de forma despreziosa e livre, sem muito se importar com o certo ou errado, desprovida do senso de limite. Usa roupas transparentes, curtas, sempre com as peças íntimas a mostra, quando não está circulando na varanda sem nenhuma vestimenta, em pleno dia. Lábios carnudos, chamativos, cabelos longos, pele branca, corpo de menina, olhos claros, voz suave são os ingredientes que compõe este misterioso e fatal universo chamado Anita. O autor e sua equipe de produção utilizaram todos estes elementos para construir um poder de atração incrível em torno da personagem que, na trama, possui 18 anos de idade.

As características marcantes na personalidade e no corpo da garota se uniram a uma trilha sonora envolvente, marcante, forte. As canções francesas, preferidas da personagem na história, estarão sempre presentes nos momentos de amor intenso, nas cenas que mostram o envolvimento sexual entre Anita e Nando. Além das músicas, a menina irá ainda dançar para seu parceiro, de forma sensual, atraente, a fim de deixar o escritor cada vez mais envolvido no seu jogo de sedução. Dançando ela mostra-se doce, meiga, delicada, mas ao mesmo tempo decidida a conquistar Nando para sempre, para que pudessem viver esta paixão arrebatadora.

Ainda na residência de Anita, pode-se encontrar outro elemento chave no entendimento da construção erótica da trama: a cozinha e os quitutes preparados pela garota para Nando e Zezinho. Os dois são seduzidos pelas comidas maravilhosas preparadas por ela, coisas simples, do dia-a-dia, como sanduíches e bolos, mas que continham todo o charme da menina, aparentemente inocente. No caso de Nando havia uma carência emocional pelo fato de que sua esposa não realizava atos como esse: ir para a cozinha preparar algo para ele comer. Os empregados da casa ficavam encarregados desta tarefa.



Portanto, para ele aquilo era novo, diferente, espontâneo e chamou a sua atenção, primeiramente, para observar melhor Anita. Já Zezinho não se continha ao ver sua vizinha, Anita, preparando deliciosos lanches para ele, sempre fazendo charme, provocando com insinuações maldosas e picantes. Foi na cozinha da sua casa que ela despertou a primeira paixão da vida do garoto Zezinho, paixão essa que o levaria a morte no final da história.

A vida de Anita é um exemplo fiel da retratação dos elementos eróticos na trama: quando tinha 11 anos de idade ela deixou-se ser pintada por um pintor, mais velho que a menina muitos anos, completamente nua. O velho se encantou pela beleza infantil de Anita e convenceu-a a posar para um quadro de sua autoria. Quadro este que é mostrado na minissérie, apresentando a doçura de uma criança de 11 anos, com os traços e curvas de uma mulher sensual e bela, através das pinceladas de um velho homem apaixonado pela sua musa inspiradora.

Chegando a outro núcleo da minissérie, nos deparamos com Marta, personagem vivida pela atriz Vera Holtz, irmã mais velha entre três mulheres, rica, estudada e viúva há muito anos. Após a morte do seu marido, com quem não teve filhos, Marta decide morar com o pai, um velho ranzinza, antiquado e reclamador, na casa da família na cidade de Florença, interior do Rio de Janeiro, onde é muito respeitada pelo seu comportamento exemplar. Lá gerencia a casa, cuida de seu pai e diz não querer relacionamento algum com outro homem. Por isso, ela adquiriu traços masculinos em sua personalidade, suas roupas sérias, fechadas, escuras auxiliam na construção deste personagem interessante. Diante da vida ela se coloca inabalável, forte, decidida, independente, sempre detentora da razão, capaz de resolver qualquer problema.

Mas em sua personalidade existe ainda outro traço muito importante: ela é extremamente preconceituosa com negros, procura manter distância por conta da sua aversão. Entretanto, na verdade o que ela possuía era um desejo reprimido, vontades que foram durante muitos anos colocadas de lado, que a transformaram em uma mulher dura e amargurada. André (Taiguara Nazareth), o jardineiro da casa, negro, alto, forte, de traços fortes característicos da sua raça, mudará esta história. O belo rapaz namora a empregada da casa de Marta, que os observa em seus momentos de maior intimidade. Ela tenta, inicialmente, negar para si mesma a atração que está sentindo, mas com a viagem da namorada do rapaz, Marta decide se entregar a esse desejo que não mais lhe



deixava em paz. É então que ela decide entregar-se ao viril André, em uma cena belíssima de amor, carregada de sensualidade e desejo proibido.

Existe então a construção de uma narrativa auxiliada pelos elementos eróticos que possibilitaram uma maior realidade a cena. O erotismo proporciona realidade à ficção. A pele negra em contato da forma mais direta possível com a branca, simbolizando a quebra de preconceitos e barreiras que impeçam a miscigenação racial, a vivência de verdadeiros sentimentos entre raças distintas. Porém, ao mesmo tempo toda a cena ocorre no humilde quarto do empregado, na cama dele, demonstrando assim a intenção de não haver contato com a casa e os objetos “dos patrões”. Em sua fala a personagem deixa isso bem claro, quando pede para que eles possam ir para os aposentos externos da residência. Todo o seu jogo inicial de sedução é baseado na diferença entre as raças: ela se coloca como a primeira branca com a qual ele teria contato sexual, a fim de aumentar o desejo do rapaz.

E não há forma melhor de finalizarmos nossa análise do que falando sobre a última cena da minissérie: a casa de Anita está consumida pelas chamas do fogo e lá dentro ela e Nando estão tendo sua última noite de amor. Lembrando que Anita já estava morta e Nando vivo, ou seja, era uma ilusão do escritor causada pela sua vontade de ter a amada de volta em seus braços. O fogo constitui-se assim como o elemento principal no final da trama, tido como elemento purificador ele aparece como ponto final para uma história de marcada pelos excessos em várias situações. As chamas que comumente ouvimos falar “acendem o fogo da paixão”, atuam como último elemento erótico da trama, visto que os personagens de Mel Lisboa e José Mayer estão protagonizando sua última cena de amor, quando o quarto de Anita começa a pegar fogo. Enquanto a família de Nando comemora o Natal, a festa do nascimento de Jesus, o casal arde, literalmente, nas chamas da paixão.

Esta obra de grande sucesso recebeu duras críticas do público que, espantados pela utilização do erotismo como forma auxiliar de narrar à história, passaram a crer que a minissérie foi uma obra pornográfica. Cabe-nos então esclarecer melhor as diferenças existentes entre uma obra pornográfica e uma erótica ou que faz utilização de elementos eróticos, como Presença de Anita. Essa diferenciação é considerada recente na sociedade que vivemos, visto que existe diferentes tipo de cultura, gosto, opiniões e por



esse motivo é bastante difícil definir exatamente qual o ponto que diferencia esses dois elementos. Entretanto é possível dizer que na pornografia há a clara demonstração da excitação sexual, posta como objetivo principal da sua utilização. Já no erotismo, mesmo havendo a presença de desejos, paixões fortes, não se configuram como principais objetivos da obra literária ou produção audiovisual.

Erotismo é força, é essencial à natureza humana que busca a auto-realização no mundo, é a necessidade de estar em contato com o outro, de perpetuar a espécie, possibilitando-nos percepções mais apuradas e novas experiências existenciais. Trabalha diretamente com a nossa imaginação, com nossos desejos e vontades reprimidas, escondidas, quando, por exemplo, idealizamos o perfil de mulher ou de homem ideal para nossa vida. É inseparável da natureza humana, um componente que funciona como estímulo ao impulso sexual nos Homens, possuindo particularidades e diferenças entre homens e mulheres. Desse modo, o erotismo é considerado um objeto estético, que está bem distante da pornografia que vemos em nossa sociedade atual. Por isso, o erotismo conquistou um conceito de arte, o que chamamos de arte erótica.

A pornografia é considerada um tipo especial de erotismo, incentivada pelo uso de aparatos como fotografias, filmes, imagens, histórias, para que a pessoa consiga sentir o desejo, e a partir disso busque a satisfação do seu desejo da forma que lhe for mais apropriada naquele instante. Mas, na sociedade moderna pornografia e erotismo conquistaram muito mais diferenças do que apenas essa exposta acima: hoje os aspectos éticos e estéticos os distanciam bastante. Os conteúdos pornográficos ganham grande exposição na atualidade, já o erotismo está sempre sendo trabalhado de forma implícita como na minissérie aqui analisada, através de elementos que denotam a sua presença marcante. Isso porque o que se observa é a busca frenética simplesmente pelo prazer efêmero, sem compromisso, sem paixão muito menos amor, desprovido de responsabilidade ou qualquer manifestação de afeto, carinho. São conteúdos e comportamentos estritamente pornográficos.

Quando percebemos um envolvimento apaixonado, a vontade de estar com o outro, buscando a satisfação dos seus desejos sexuais sim, mas através de momentos carinhosos, onde não reina apenas o instinto humano, notamos a marca principal do erotismo. É essa originalidade, envolvimento, satisfação de um prazer não individualizado, mas sim compartilhando momentos com seu parceiro ou parceira que torna o erótico singular, único e irresistível.



*“Em todo encontro erótico há um personagem invisível e sempre ativo: a imaginação,  
o desejo.”*

*Otávio Paz*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de um resgate histórico notamos como o erotismo foi introduzido no universo da teledramaturgia brasileira como forma de auxiliar as narrativas, marcando épocas e produções de muito sucesso nacional. Telenovelas e seus derivados nunca mais serão os mesmos depois do surgimento da possibilidade de retratação desta energia vital da vida humana nas telinhas, primeiramente como algo proibido, necessitado do perdão divino, representando aqui que há de mal na alma humana, mas que aos poucos foi tomando uma nova dimensão, conquistando aceitação do público e elogios pelas belíssimas cenas marcadas pelo erotismo na televisão. As censuras ainda existem e continuarão a existir, visto que a televisão é concebida como um meio de comunicação capaz de educar, além de puramente informar, a sociedade, o público telespectador. Por isso questiona-se quais os direcionamentos sexuais que a TV está divulgando com suas produções e como isso influenciará a vida do brasileiro, principalmente das classes infanto-juvenil.

Mesmo assim, o erótico acabou sendo incorporado de forma definitiva nas produções seriadas para televisão, por exemplo, nas telenovelas e minisséries. Vale ressaltar que o erotismo não é apenas um elemento da técnica narrativa, usado para auxiliar na percepção humana, vai muito, além disso. As forças eróticas vistas na televisão possuem energia própria, fascina o telespectador porque ele se reconhece enquanto humano que é em determinadas situações retratadas. Por isso, o erotismo age como mola propulsora de mudanças nos comportamentos, opiniões, estados sejam eles psíquicos ou sociais, ou seja, modificadora do pensamento humano.

## REFERÊNCIAS

PALLOTINI, Renata. **Dramaturgia da Televisão**. São Paulo, SP: Moderna, 1998

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma de cultura**. São Paulo, SP: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007



DUARTE, Elizabeth Bastos (Org.). DE CASTRO, Lilia Dias (Org.). **Em torno das mídias: práticas e ambiências.** Porto Alegre: Sulina, 2008

FILHO, João Freire. **Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil.** In: *Culturas juvenis no século XXI.* São Paulo: EDUC, 2008;

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.

\_\_\_\_\_. **Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Tecnicidades, Identidades, Alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século.** p. 51-79. In: MORAES, D. (Org.). **Sociedade Midiatizada.** Rio de Janeiro: Maud, 2006;

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** Trad. Roneide Venâncio Majer. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001;

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo. Cultrix, 1974;

SOUZA, Maria Carmem Jacob de. **Telenovela e representação social – Benedito Ruy Barbosa e a Representação do Popular na Telenovela Renascer.** Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004;

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepções teleficcionalidade.** São Paulo: Summus, 2002;

FRANCONI, Rodolfo A. **Erotismo e Poder na Ficção Brasileira Contemporânea.** São Paulo: ANNABLUME, 1997;